



Coro juvenil nas escolas: sonho ou possibilidade?

Patricia Costa

Colégio São Vicente de Paulo (RJ) – Colégio Cruzeiro (RJ)
Instituto Superior de Educação Pró-Saber (RJ)
pccantocoral@gmail.com

Resumo. O presente artigo busca incentivar professores de música e regentes corais a refletirem sobre o coro juvenil como possível instrumento de musicalização nas escolas de ensino médio. Procurando detalhar as adequações necessárias para esse fim, o texto abrange algumas estratégias para formação e manutenção de um coro, os cuidados com o repertório para esta faixa etária e os recursos facilitadores dos ensaios iniciais.

Palavras-chave: coral; coro juvenil; adolescente.

Abstract. The present article searches to stimulate music teachers and choral conductors to reflect on the youth choir as a possible instrument of musicalization in secondary schools. Looking for detailing the necessary adequacies for this purpose, the text encloses some strategies for formation and maintenance of a choir, the cares with the repertoire for this age band and the resources to facilitate the initial rehearsals.

Keywords: choral; youth choir; teenager.

No decorrer de minha experiência prática observei muitos dos efeitos positivos do canto coral em cantores adolescentes e jovens, por tal atividade dar conta de uma série de necessidades próprias dessa faixa etária, colaborando com a ampliação de sua visão de mundo, exercitando sua atuação em nossa sociedade com princípios de solidariedade, confiança, companheirismo e harmonia em grupo, oferecendo um veículo de expressão de suas descobertas, conflitos e anseios, além de ser um importante instrumento de musicalização.

Relacionei itens que considero importantes para a formação e a manutenção de um coro juvenil e gostaria de compartilhá-los com você.

Afinidades com as propostas do estabelecimento de ensino

A maioria dos coros juvenis brasileiros é grupo extraclasse de escola pública ou particular; então é preciso haver, por parte do regente, a aceitação e/ou o entendimento da proposta da direção da escola ao qual o coro pertence.

Ajuste ao calendário escolar

Os alunos de ensino médio são, constantemente, pressionados pelo conteúdo das demais disciplinas, além de trabalhos, provas e/ou recuperações em períodos específicos. O regente, portanto, deverá ter consciência da melhor época para marcar apresentações, ensaios extras ou qualquer outra atividade que requeira um total comprometimento do grupo. A atividade também deverá obedecer aos períodos de férias e recessos escolares.

Considerando-se que atualmente o termo **compromisso** está comumente ligado a contratos formais ou envolvimento financeiro, é parte da tarefa do regente/educador de coro juvenil desenvolver o compromisso verbal entre seus coralistas como tônica da atividade, num período em que os adolescentes estão justamente começando a ganhar autonomia e senso de responsabilidade.

CrITÉRIOS para frequência de ensaios

Muitas vezes será o próprio estabelecimento (seja ele escola, igreja, clube ou condomínio) a ditar a frequência dos encontros de acordo com sua disponibilidade. O desenvolvimento do coralista está diretamente ligado à sua exposição à prática musical, ao repertório, à técnica vocal, aos exercícios e ao treino durante os ensaios. De minha experiência, posso afirmar que mais valem ensaios curtos e mais frequentes do que ensaios longos com espaçamento entre eles.

Número de componentes

Quanto menor o grupo, maior a exposição de seus participantes e, portanto, maior a exigência de eficiência vocal/musical para um resultado satisfatório. Por outro lado, quanto maior o grupo, maior a possibilidade dos acertos encobrirem ou neutralizarem os possíveis erros. Consequentemente poderá ser mais fácil conduzir um grupo iniciante de 40 coralistas do que um madrigal com 10 ou 15.

Avaliação vocal

O regente poderá ter no seu grupo cantores desafinados que precisarão de muito apoio do coro para que seu canto seja desenvolvido. Uma avaliação vocal/musical será importante, para você saber com que grupo conta!

Na página seguinte você encontrará um exemplo de ficha de avaliação, para acompanhar o desenvolvimento do cantor ano após ano. É só um exemplo! Sugiro que você desenvolva a sua ficha, de acordo com suas necessidades.

Espaço físico e outros recursos

Embora não muito propagada, uma das vantagens da formação de um coro é a pouca necessidade de recursos materiais. Uma sala espaçosa com cadeiras será um excelente ponto de partida. O investimento no tratamento acústico tem como recompensa imediata a boa produção musical do grupo, embora os leigos nem sempre compreendam a necessidade desse cuidado.

Divulgação da atividade

O adolescente da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, sabe exatamente o que é um jogo de vôlei. Por conseguinte, a divulgação da “escolinha de vôlei” do colégio onde eu trabalho se resume, basicamente, a horários, vagas e preços. No entanto, em se tratando de coral, a visão distorcida ou a total ignorância da atividade faz com que o aluno não consiga dimensionar a proposta que lhe é oferecida. A divulgação requer, portanto, cuidados e estratégias específicos.

Agora, para refletir: percebo que crianças aceitam com alegria a atividade coral e não costumam questionar a exposição do cantor, a aceitação por parte da sociedade, a repercussão na mídia. Os adultos, uma vez tendo a certeza do prazer proporcionado, aderem à atividade independentemente de críticas. E os adolescentes, o que pensam da atividade?

MODELO DE FICHA PARA CADASTRAMENTO DO CORAL

I. DADOS PESSOAIS

NOME: _____
 TEL: _____ CEL: _____
 E-MAIL: _____ TURMA: _____
 DATA DE NASCIMENTO: _____ IDADE: _____
 RESPONSÁVEL: _____
 JÁ PARTICIPOU DE ALGUM CORAL ANTES? _____ POR QUANTO TEMPO? _____
 ALGUMA OUTRA ATIVIDADE MUSICAL? _____

II. PARA SER PREENCHIDO SOMENTE PELA REGENTE

MÚSICA CONHECIDA

Peço para o aluno cantar Parabéns pra você, Atirei o pau no gato etc.

Avalio o desempenho musical graduando em ordem crescente do desafinado para o afinado.

UNISSONO: 1 2 3 4 5

CÂNONE: 1 2 3 4 5

Esta avaliação é só para os adiantados!

QUALIDADE VOCAL:

FL TR
 1 2 3 4 5

A qualidade vai da flauta ao trombone, de acordo com o som que o candidato emite.

VOLUME:

P G
 1 2 3 4 5

Avalio do menor para o maior.

CARACTERÍSTICAS VOCAIS:

Escolhi estas características recorrentes e marco o que escuto durante os vocalizes.

CLARA	APERTADA	PESADA	ESCURA	DE PEITO	AGUDA
BRILHANTE	SOLISTA	NA MUDA	LARGA	RESSONANTE	LEVE
FORTE	COM AR	NASAL	FRACA	ROUCA	GRAVE

Anoto as notas mais graves e mais agudas alcançadas em vocalizes (escalas por semitons). Registro aqui também o início da região de farsete do adolescente.

Idade: _____
 Ano: _____

Idade: _____
 Ano: _____

Idade: _____
 Ano: _____

Idade: _____
 Ano: _____

Desta maneira é possível acompanhar quatro avaliações de um mesmo aluno e verificar seu desenvolvimento!

CLASSIFICAÇÃO: _____

OBSERVAÇÕES: _____

O maestro Marcos Leite, na tentativa de explicar as dificuldades de difusão do trabalho coral nos dias de hoje, sentencia: “ninguém sai de casa e toma banho bonitinho depois de um dia de trabalho para assistir a um coral. Existe o estigma de um negócio antigo, anacrônico, careta, fora de moda” (Rodrigues, 2002). Será, portanto, essa resistência dos adolescentes uma herança da barreira dos próprios adultos?

RODRIGUES, E. *Sururu na Roda homenageia Marcos Leite na Sala Funarte*. 9 out. 2002. Disponível em: <<http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/5235>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

Em minha prática, observo que alguns bons jovens cantores têm vergonha de mostrar sua habilidade para os demais colegas. Será essa uma questão urbana, já que minha experiência se concentra em grandes centros?

O que atrai o adolescente/jovem é a *performance* e por isso a estética coral tradicional não o seduz? E, por fim, cantar em coral é melhor do que assistir à apresentação?

Por que alguns adolescentes quebram a barreira do preconceito e se permitem “pelo menos” experimentar o canto em grupo enquanto outros acham que cantar é impensável, chegando a considerar a atividade algo que não lhes despertaria qualquer prazer?

Esses mesmos jovens orgulham-se de tocar um instrumento perante os colegas e passam a ser valorizados por isso pelos seus amigos. Haverá para o adolescente a ideia de que cantar é “só” cantar enquanto tocar um instrumento é desenvolver uma habilidade?

Se for possível compreendermos o que é coral para um adolescente ou jovem, teremos a possibilidade de refletir sobre a atividade e talvez assim buscar caminhos para obter novos cantores dispostos a experimentar o canto em grupo.

Deixo essas perguntas para que o leitor considere a possibilidade de uma abordagem diferenciada que conquiste o adolescente e, mais que isso, atenda a suas necessidades de expressão.

Ensaio aberto – a fundamental experimentação

Convidar os candidatos para participar do ensaio efetivamente lhes dará a oportunidade de vivenciar a atividade, os procedimentos e o próprio canto coletivo.

Mas atenção: o candidato que vai ao ensaio experimental e fica num canto da sala apenas observando pode sentir-se distante da atividade, ao passo que aquele que – mesmo iniciante – se envolve e participa de todos os passos do ensaio terá um contato real e pessoal com o canto em grupo, podendo, inclusive, descobrir novas possibilidades de prazer e realização afetiva.

Incentive a participação!

Manutenção da divulgação

Existe uma grande renovação anual ou mesmo semestral no coro juvenil. Tal rotatividade se dá, em parte, pela inquietação inerente à adolescência. Contribui para essa inconstância também o senso de responsabilidade perante provas e a pressão para o desempenho no vestibular por vir. Por conseguinte, a constante divulgação possibilitará a entrada de novos cantores, compensando a natural saída descrita acima.

A seguir, deixo como exemplo uma carta aos coralistas iniciantes, abordando os principais aspectos da atividade.

O SONHO DE TODO REGENTE!!!

Por Patricia Costa

Caro coralista, listei algumas regras básicas para que nosso grupo se desenvolva de forma harmoniosa. Espero que goste e adote estas dicas:

- 1. Frequência:** é fundamental! Faltar ao ensaio faz com que você se distancie de todo o processo, além de desfaltar seu naipe. Somos muitos, mas cada voz é muito importante! Portanto, faça o possível para estar sempre presente.
- 2. Pontualidade:** também é fundamental! Procuramos ensaiar com a carga mínima necessária para que nosso trabalho aconteça. Calcule seus horários para que você não perca os preciosos minutos de nossos ensaios.
- 3. Pasta para arquivar as partituras:** você deve trazê-la para TODOS os ensaios, mesmo quando já sabe uma música de cor. Muitas vezes, faremos modificações significativas e, convenhamos, se o regente disser “vamos pegar do compasso 20, segundo tempo” você, provavelmente não saberá do que se trata se não estiver com a partitura na sua frente.
- 4. Partituras:** ainda nesse assunto, lembre-se que quando cantamos com a partitura na nossa frente, podemos usá-la como recurso de ricochete de voz, fazendo com que nos ouçamos melhor durante o ensaio. Portanto, dividir a partitura com o colega, além de ser mais dispersivo, nos priva desta facilidade.

5. Lapiseira: é elemento essencial de nossos ensaios. Tudo deve ser anotado, para que não percam tempo repetindo o que já foi dito, corrigido ou modificado. Há marcações valiosas como respiração, alteração e/ou correção de uma determinada nota, passagens complicadas que precisam ser enfatizadas, pronúncia de língua estrangeira, etc. O que não for anotado poderá ficar esquecido e terá que ser lembrado, gerando pouca produtividade no ensaio.

6. Postura: por mais cansados que estejamos, existe uma postura comprovadamente importante para cantarmos bem. Isso deve ser respeitado, sem que o regente precise chamar a atenção o tempo todo.

7. Nota de início: muitas vezes nos acostumamos a não saber a nota com a qual vamos atacar um trecho e ficamos esperando os colegas de naipe começarem. Isso gera um efeito horrível, pois se muitos do coro partirem deste princípio teremos um grupo que só acerta a partir da segunda nota!

8. Concentração: por mais irresistível que seja, devemos sempre deixar a conversa para o intervalo ou para depois do ensaio. Estar concentrado no trabalho desde o aquecimento é a certeza de um ensaio fluente e proveitoso, o que sem dúvida, acarretará em muito prazer!

9. Comentários: sempre que o regente corta um trecho, é porque deve ter algo a dizer! Portanto, espere o comentário dele, ao invés de sair trocando “ideia” com o colega do lado!

10. Comunicação: você receberá uma folha com os telefones dos demais coralistas. Caso precise falar, comunique-se com algum deles, avisando previamente do desfalque. Caso isso não seja possível, entre em contato com um dos colegas para saber o que ensaiamos, para que você não se sinta “boiando” no ensaio seguinte.

11. Rouquidão: recomendamos que o coralista que está rouco – salvo quando sente mal estar – participe do ensaio, sem cantar. É uma forma de não perder o contato com o que estamos trabalhando e com certeza poupará trabalho quando ele voltar a cantar. E não se esqueça de deixar seu regente ou preparador vocal sempre a par do seu desempenho; qualquer desconforto, dor, cansaço vocal, rouquidão, irritação, etc., deverá ser comunicado imediatamente!

12. Caixinha: se foi estipulada uma caixinha, não faz sentido alguns alunos pagarem e outros não, fora os casos justificados previamente. Portanto, por menor que pareça ser a quantia, esteja em dia com seu grupo!

13. Treino individual: quando o regente estiver passando um naipe, otimize seu tempo e cante mentalmente a sua linha. Esse é um difícil exercício e só a tentativa já o deixará mais seguro quando for a hora de cantar de verdade! Experimente!

14. Lubrificação: beber água durante os ensaios pode ser muito valioso para a proteção das cordas vocais. Procure trazer uma garrafinha (para evitar sair do seu lugar) e encha com água em temperatura ambiente.

15. Gravador: não há nada de errado em levarmos um gravador para os ensaios. Muito pelo contrário, isso facilita bastante àqueles que não sabem ler partitura, além de possibilitar a escuta das músicas gravadas, enquanto executamos outras tarefas do dia-a-dia.

Bem, essa lista vale para todos os coros! Não há ordem de importância; cada tópico listado servirá para que a atividade coral seja algo muito mais prazeroso para todos!

Faça bom proveito!

Facilitando os primeiros ensaios

Heterogenia

Se estamos iniciando a atividade num estabelecimento de ensino que não tem a tradição coral, é muito comum encontrarmos grupos de adolescentes com diferentes histórias vocais/musicais, o que torna o primeiro ensaio um tanto delicado. Quer seja pela falta de entrosamento do grupo, por dificuldades musicais dos cantores ou mesmo pela falta de contato prévio do regente com o coro, é certo que o líder deverá ter muita flexibilidade no sentido de adaptar-se às situações inusitadas que poderão se apresentar à sua frente.

À medida que o grupo for se entrosando (tanto musical quanto pessoalmente) o resultado se modificará, sem dúvida; mas investir num planejamento inicial que dê margem a uma boa produção musical utilizando repertório de peças simples – em uníssono, por exemplo – poderá conduzir, nesse primeiro contato do adolescente com o canto em grupo, à sensação de prazer que a atividade coral tão comumente oferece.

Exercícios de confiança

O coro juvenil de uma escola poderá reunir alunos de diferentes séries ou turnos e que, por conseguinte, não se conheçam muito bem, ainda que frequentem o mesmo estabelecimento de ensino. Isso evidenciará a necessidade de dinâmicas e exercícios que promovam esse entrosamento, para que o sentimento de confiança possa ser estimulado. Através do lúdico, pode-se obter o fortalecimento das relações interpessoais, estimulando o companheirismo entre os componentes do grupo.

Leitura de música nova

Podemos inferir que nossos estudantes do ensino médio dificilmente dominam a leitura de partitura, levando-se em consideração que o ensino de música nas escolas brasileiras ainda é campo em desenvolvimento. Por conseguinte, a leitura de uma peça nova poderá se tornar um tanto enfadonha ou pouco produtiva, se não considerarmos alguns facilitadores.

É de grande ajuda apresentar previamente a música a ser trabalhada, através de uma gravação, pelo exemplo cantado pelo próprio regente ou por algum coralista que tenha se preparado para essa exposição. Isso ajudará o novato a perceber a peça na sua totalidade, incentivando-o a se empenhar em cantar as partes fragmentadas em razão do todo. Muitos jovens cantores, ao iniciar o processo de canto coral, reagem à possibilidade de cantar algo além

da melodia principal. Tal prática, portanto, os clareará em relação à ideia da junção das vozes de um arranjo ou composição.

Utilização de instrumentos

Optando-se pelo uso de um instrumento harmônico (teclado, piano ou violão) oferece-se ao iniciante a comodidade da escuta do som antes de partir-se para o solfejo. Um instrumento melódico como flauta, por exemplo, também poderá ser de grande auxílio, sobretudo por apresentar a melodia a ser cantada de forma clara, considerando-se que para alguns novatos a harmonia tocada pode lhes gerar angústia e confusão pela quantidade de sons simultâneos escutados.

O auxílio do computador

Outro recurso da atualidade é a ajuda de programas de computação dedicados à leitura de partitura, tais como Encore, Finale ou Sibelius. Tais programas possuem ferramentas que possibilitam ao cantor alterar volume, timbre e andamento (dentre outros), tornando-se um aliado daqueles que não dominam leitura de partitura. Muito embora alguns regentes critiquem a utilização de tal ferramenta – alegando que deve fazer parte de nosso ofício ensinar e/ou estimular a aquisição da linguagem musical escrita ou a habilidade do solfejo – é inegável a ajuda desses programas na rapidez da compreensão da linha musical a ser cantada, através da escuta prévia. Havendo esse recurso, o regente poderá enviar por *e-mail* as partituras a serem estudadas; os coralistas chegarão ao ensaio já com uma ideia daquilo que deverá ser cantado em grupo.

Gravador no ensaio

Da mesma forma, é muito comum vermos coralistas de gravador em punho, o que possibilita, posteriormente, revisar o ensaio enquanto executa tarefas do seu dia-a-dia. Muito embora a gravação contenha também os erros do próprio ensaio, em minha prática constato que tal empenho tem trazido mais benefícios do que prejuízos ao coro, sobretudo na fase de leitura de peças novas.

Vale ressaltar que o uso destes recursos não exclui a oportunidade de estimularmos nossos cantores a aprender notação musical, solfejo e noções de harmonia, dentre outros conteúdos.

Espero, com este artigo, ter incentivado os colegas a trabalhar com coro juvenil, beneficiando muitos adolescentes através dessa rica atividade. A garantia de prazer e realização eu atesto, com o aval de 16 anos dedicados ao coro juvenil.

Onde encontrar

Sobre coro juvenil

OLIVEIRA, V. G. O desenvolvimento vocal do adolescente e suas implicações no coro juvenil “a cappella”. Dissertação (Mestrado em Música)–Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

SCHMELING, A. Cantar e conviver, uma experiência com um grupo coral de adolescentes. Curitiba: Associação Brasileira de Educadores Musicais (Abem), 1999. (Anais 11).

Sobre o adolescente e a música

ILARI, B. Em sintonia com o mundo. O olhar adolescente – os incríveis anos de transição para a idade adulta. Caminhos da Cognição: Especial Mente e Cérebro, São Paulo, n. 3, p. 72-79, [s.d.]

Sobre desafinação vocal

SOBREIRA, S. Desafinação vocal. 2. ed. Rio de Janeiro: Musimed, 2002.

Sobre renovação estética do canto coral

ALFONZO, N. R. A prática coral como plano de composição em Marcos Leite e em dois coros infantis. Dissertação (Mestrado em Música)–Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

TUPINAMBÁ, I. O. Z. Dois momentos, dois coros. Dissertação (Mestrado em Música)–Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1993.

Sobre jogos cênicos

PUEBLA, R. O canto em cena. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SESC/ARCI DE REGÊNCIA CORAL, 2., 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: Sesc/Arci, 2004. p. 169-170.

SANTOS, E. A. dos. A importância dos jogos teatrais e musicais para uma melhor expressividade artística de um coro. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música)–Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SPOLIN, V. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1987.

Sobre cuidados com a voz

BEHLAU, M.; REHDER, M. I. Higiene vocal para o canto coral. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

COELHO, H. W. Técnica vocal para coros. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

Sobre o regente coral

FIGUEIREDO, C. A. et al. Reflexões sobre aspectos da prática coral. In: LACKSCHEVITZ, E. (Org.). Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006. p. 6-49.